

Uma transição de alto risco em Teerã

— Envolvido em guerra regional, Irã vê os inimigos EUA, Israel e Arábia Saudita estreitarem elo militar

estadaodigital#wsmuniz30@gmail.com

ARTIGO

The Economist

Três anos atrás, quando Ebrahim Raisi chegou à presidência em uma eleição manipulada, alguns iranianos acharam que era um degrau para uma posição maior. Ali Khamenei, o líder supremo envelhecido e doente, não tinha muito tempo de vida. Quando morresse, Raisi certamente almejava substituí-lo. Mas a história tem um senso de ironia. Em vez de catapultá-lo ao cargo mais alto do Irã, ganhar a presidência custou a vida de Raisi.

No domingo, ele voltava de uma visita ao vizinho Azerbaijão, onde inaugurou uma represa na fronteira. As autoridades perderam contato com seu helicóptero em uma região montanhosa a 86 km ao nordeste de Tabriz.

A princípio, insistiram que não havia motivo para alarme: o helicóptero do presidente fez um “pouso forçado”. De maneira confusa, várias agências de notícias iranianas relatavam que ele seguiu viagem para Tabriz de carro.

Dentro de poucas horas, no entanto, esses relatos foram apagados e a televisão estatal começou a transmitir orações pelo presidente. Ontem, a mídia estatal confirmou que Raisi estava morto, juntamente com o ministro das Relações Exteriores, Hossein Amirabdollahian, que viajava no mesmo helicóptero.

PERFIL. De muitas maneiras, Raisi era uma figura decorativa: o presidente é subordinado ao líder supremo, o aitolá Ali Khamenei. Mas sua morte abalará profundamente a política iraniana. Forçará o regime a encontrar um novo presidente rapidamente em um momento difícil: o país está envolvido em uma guerra regional que abrange ação militar direta pelo Irã e por sua rede de aliados



AGENCY IRNA

Raisi deixa cargo vago; mas sucessão de Khamenei é o ponto-chave

regionais.

Os adversários do Irã, entre eles Estados Unidos, Israel e Arábia Saudita, estão considerando aprofundar seus vínculos de segurança para se contrapor ao país. A economia está afundando e poderá ser ainda mais atingida pelo aperto das sanções americanas. A morte de Raisi também poderá jogar a iminente disputa interna do Irã no caos, removendo do jogo um dos dois principais candidatos ao cargo de Khamenei.

Muito ainda é incerto, começando pelo motivo do acidente do helicóptero de Raisi. A história oficial até agora é de mau tempo. Era um dia chuvoso e com muita neblina durante o voo, com a visibilidade de apenas alguns metros.

As condições eram tão ruins que os socorristas não puderam voar em busca do presidente, e nem sequer drones conseguiram encontrar o local do acidente. O Crescente Vermelho recorreu ao envio de equipes de busca a pé.

A Mãe Natureza pode muito bem ser a culpada. Nada é o que parece na política iraniana, no entanto, e muitos iranianos começaram a especular sobre explicações mais nefastas.

Raisi tem uma longa lista de inimigos internos, desde os

moderados relativos que ele marginalizou até os colegas conservadores que o consideram um presidente inepto. Não é pouco razoável imaginar que os inimigos domésticos conspiraram para matá-lo. Alguns iranianos também se perguntaram se Israel teve um papel no acidente. Os dois inimigos de longa data entraram em confronto no mês passado: após Israel assassinar um general iraniano em Damasco, o Irã retaliou com uma saraivada de

mais de 300 mísseis e drones visando a Israel. O Mossad, serviço de espionagem de Israel, tem uma longa história de assassinar seus inimigos, incluindo no Irã, onde matou cientistas nucleares proeminentes.

Mas há fortes razões para duvidar do envolvimento de Israel. Primeiro, o país nunca chegou ao ponto de assassinar um chefe de Estado, um ato de guerra inequívoco que convidaria a uma feroz resposta iraniana. Seria tolice arriscar tais consequências para matar Raisi, um político profundamente impopular que não tem a última palavra em muitas das decisões políticas mais importantes do Irã.

IMPOPULARIDADE. Poucos iranianos lamentarão sua morte. Eles vão lembrar de Raisi como o “juiz da força”, um promotor em Teerã que ajudou a enviar milhares de prisioneiros políticos para a força em 1988. E lembrará dele por sua incompetência no manejo da economia – o presidente que encheu seu gabinete com militares e clérigos que assistiram enquanto o rial, a moeda iraniana, perdia 55% de seu valor em menos de três anos.

A Constituição estabelece um processo claro para a sucessão. Uma nova eleição deve ser realizada dentro de 50 dias, com o vice-presidente, Mohammad Mokhber, assumindo a presidência até então. Ele é conhecido como um burocrata, e não é um operador político poderoso.

O Conselho de Guardiães, um grupo de proeminentes clérigos e advogados, decide quem pode estar na cédula eleitoral. Antes da última eleição presidencial, em 2021, desqualificaram centenas de potenciais candidatos. Dos sete permitidos para concorrer, apenas Raisi tinha uma chance plausível de vencer. Embora o regime seja impopular entre muitos iranianos, é provável que a teocracia possa suprimir quaisquer protestos públicos que surjam em torno de uma eleição, como fez no passado.

Raisi havia sido um candidato de consenso ideal para o regime. Ninguém poderia questionar suas credenciais linha-dura, mas ele não tinha uma base de poder própria. Conservadores religiosos esperavam usá-lo para avançar seus interesses e o mesmo acontecia com os militares da Guarda Revolucionária Islâmica.

Não está claro quem mais po-

deria preencher esse papel. A Guarda Revolucionária parece estar na ascendência política: sua influência beligerante explica o ataque recente e sem precedentes do Irã a Israel.

No entanto, isso não significa necessariamente que queiram servistos nomeando o presidente, em parte porque o titular desse cargo é culpado pelo público pela miserável situação econômica do Irã.

SUCESSÃO. No entanto, a sucessão mais importante no Irã ainda está por vir, embora um pouco mais para o futuro. Khamenei completou 85 anos no mês passado. Nos últimos anos, os iranianos pensavam que havia apenas dois principais candidatos para assumir seu cargo após sua morte.

Um era o segundo filho de Khamenei, Mojtaba, que tem reforçado suas credenciais religiosas nos últimos anos e está comprometido com a longevidade do regime. O outro era Raisi. Embora outros clérigos sejam mencionados como candidatos surpresa, é difícil imaginar que eles conquistem apoio suficiente.

Ainda assim, nenhum dos favoritos tinha uma vantagem clara: Raisi era impopular, e Mojtaba representaria uma transferência de poder hereditária em um regime que chegou ao poder derrubando uma monarquia hereditária.

Com a morte de Raisi, Mojtaba parece ter um caminho livre para o cargo mais alto do país. Ele dependeria da Guarda Revolucionária para enfrentar qualquer reação negativa – e isso, por sua vez, poderia fortalecer o papel da Guarda dentro do regime. O Irã poderia evoluir de um regime híbrido militar e clerical para ser mais um regime militar. Isso poderia significar menos conservadorismo religioso em casa, mas ainda mais antagonismo no exterior.

Por anos, os linha-dura tentaram garantir uma sucessão tranquila: eles instalaram Raisi como presidente e uma safra de conservadores no Parlamento. Agora terão de encontrar um novo presidente em pouco tempo, e alguns se perguntarão se outros políticos orquestraram o acidente de helicóptero para avançar seus interesses. Haverá dias nervosos pela frente para o regime teocrático do Irã. ●

© 2024 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM

Fundador do WikiLeaks

Assange obtém novo recurso contra extradição

A Justiça britânica concedeu ontem a Julian Assange a possibilidade de apresentar novo recurso contra extradição aos EUA, país ao qual pediu garantias sobre o tratamento reservado ao fundador do WikiLeaks. Assange pode cumprir nos EUA 175 anos de prisão por divulgar, desde 2010, mais de 700 mil documentos secretos militares e diplomáticos. ●



KEN CHEUNG/AP

Espanha vs. Argentina

Sánchez critica; Milei fala em 'lágrimas socialistas'

O premiê da Espanha, Pedro Sánchez, disse ontem que o presidente argentino, Javier Milei, não está “à altura” dos laços entre os países, após Milei acusar a mulher de Sánchez de “corrupta” numa reunião do partido espanhol Vox, em Madri. Milei respondeu no X (antigo Twitter) que estava voltando à Argentina “surfando numa onda de lágrimas socialistas”. ●